

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

DAIANE LOPEZ PEIXOTO

**OS ACERVOS FOTOGRÁFICOS E SUA ORGANIZAÇÃO:
uma análise**

Porto Alegre, 2006

DAIANE LOPEZ PEIXOTO

**OS ACERVOS FOTOGRÁFICOS E SUA ORGANIZAÇÃO:
uma análise**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia,
da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: profa. Martha K. K. Bonotto

Porto Alegre, 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-Reitor: Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Vice-Diretor: Prof. Ricardo S. da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dra. Iara Conceição Bitencourt Neves

Chefe substituta: Prof^a Ms. Jussara Pereira Santos

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Vice-Coordenadora: Prof^a Neiva Helena Ely

P379a Peixoto, Daiane Lopez

Os acervos fotográficos e sua organização: uma análise /
Daiane Lopez Peixoto ; orientada por Martha K. Bonotto. —
Porto Alegre: UFRGS/FABICO, 2006.

1. Fotografia. 2. Banco de Imagem. 3. Organização de
Acervo Fotográfico. I. Bonotto, Martha K. II. Título.

CDU: 025.177

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Tel: (51) 3316-5146

Fax: (51) 3316-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Ao **Gato** (*In Memoriam*) meu companheiro
mais querido, do qual não tenho nenhuma
fotografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientadora Martha, que junto a mim abraçou este trabalho me ajudando a encontrar o norte para alcançar o objetivo final; à minha mãe Mariza que foi o exemplo cultural; ao meu pai Adroaldo de quem herdei o gosto pela imagem e a técnica para obtê-las eternizadas; ao Dudu que me impulsionou nos momentos de fraqueza e reinstalou o Word nos problemas técnicos e aos companheiros Bóris e Bituca, que mesmo sem minha atenção durante o trabalho, estiveram sempre ao meu lado me fazendo companhia.

"Para mim, a fotografia é o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, do significado de um acontecimento e da organização exata das formas que o expressam."

Henri Cartier Bresson

RESUMO

Trabalho de conclusão de curso que analisa os diferentes tipos de acervos fotográficos existentes, suas características em comum e suas peculiaridades, dada a importância da fotografia como fonte de informação. Foca-se sobre quatro tipos de acervos fotográficos, que são o jornalístico, o publicitário, o social e o histórico, e levanta conceitos teóricos sobre fotografia para embasar a análise, feita mediante visitas a acervos existentes. Constata diferenças, semelhanças e falhas nas áreas de representação descritiva e temática assim como propõe sugestões de maior aproveitamento dessas informações. Avalia brevemente a viabilidade do uso do formato Marc nessas coleções, assim como as bases de dados existentes nos acervos analisados. Conclui que o tratamento da fotografia é tão importante quanto a preservação da mesma como fonte de informação

Palavras-chave: Fotografias. Bancos de Imagens. Organização de Acervos Fotográficos.

ABSTRACT

Paper that analyzes the different types of existing photographic holdings, its characteristics in common and its peculiarities, given the importance of the photograph as information source. Focalizes four types of photographic holdings: journalistic, advertising, social and historical, and raises theoretical concepts on photograph to base the analysis, done by means of visits to existing holdings. It evidences differences, similarities and imperfections in the areas of descriptive and thematic representation as well as it considers suggestions of bigger exploitation of these information. It briefly evaluates the viability of the use of the format Marc in these collections, as well as the existing databases in the analyzed quantities. It concludes that the treatment of the photograph is so important how much the preservation of the same one as information source.

Keywords: Photograph. Image Data Bank. Organization of Photographic Holdings.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA	11
2.1 Delimitação do <i>corpus</i>	11
2.2 Objetivos	12
2.2.1 Objetivo Geral	12
2.2.2 Objetivos Específicos	12
3 EMBASAMENTO TEÓRICO	14
3.1 A Fotografia	14
3.2 Os Acervos Fotográficos	17
3.2.1 Acervo Fotográfico Histórico	17
3.2.2 Acervo Fotográfico Jornalístico	17
3.2.3 Acervo Fotográfico Publicitário	18
3.2.4 Acervo Fotográfico Social	19
3.2.5 Diferenças e Semelhanças Observadas Entre os Diferentes Acervos	19
4 METODOLOGIA	21
4.1 Método de Pesquisa	21
4.2 Seleção dos Acervos	22
5 CONTEXTO DA PESQUISA	23
5.1 Fototeca Sioma Breitman	23
5.2 Acervo Fotográfico Hipólito José da Costa	23
5.3 CP Memória	24
5.4 CDI Zero Hora	24
5.6 Estúdio Mutante	25
5.7 Next Foto	25
5.8 Di Foccus Produções	25
6 ANÁLISE DOS DADOS	27
6.1 Propósitos dos Acervos	29
6.2 Registro	29
6.3 Organização Física e Virtual	30
6.4 Representação Descritiva	31
6.4.1 Representação Descritiva de Fotografia Histórica	32
6.4.2 Representação Descritiva de Fotografia Jornalística	34
6.4.3 Representação Descritiva de Fotografia Publicitária	35
6.4.4 Representação Descritiva de Fotografia Social	37
6.4.5 Padrão MARC e Bases de Dados na Representação Descritiva	38
6.5 Representação Temática	40
6.6 Lacunas (Problemas detectados)	44
7 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	48

GLOSSÁRIO	50
ANEXO A	53
APÊNDICE A	56

1 INTRODUÇÃO

O trabalho como fotógrafa e a paixão pela fotografia, herdados de uma família cujo pai e irmão também o exercem, sempre me levou à curiosidade e à necessidade de saber como armazenar e classificar fotos de família e de trabalho, fossem elas em papel, diapositivos ou mesmo imagens digitais. Mais tarde, ao conviver profissionalmente com diversos fotógrafos de especialidade jornalística, social e publicitária, surgiu a curiosidade sobre como a informação desse tipo de fotografia era tratada.

O presente trabalho pretende apresentar a análise de acervos fotográficos nos âmbitos da fotografia histórica, jornalística, publicitária e social, observando suas peculiaridades que devem ser levadas em conta na organização, construção de uma base de dados, na customização de bases automatizadas já existentes ou em catálogos manuais para esse tipo de material.

Verificando suas peculiaridades e estabelecendo possíveis semelhanças e diferenças, esta análise pretende contribuir como uma visão inicial para organização e tratamento de coleções fotográficas nessas áreas específicas em futuros projetos.

O nível de abrangência compreende o propósito de cada acervo, a área de registro, representação descritiva, representação temática e as formas de organização física utilizadas nesses acervos, de acordo com as necessidades traçadas no perfil do usuário, assim como uma breve análise dos métodos de indexação, aplicabilidade das bases de dados e do formato MARC a essas coleções fotográficas.

A metodologia aplicada no trabalho é de caráter exploratório e qualitativo, construída através de revisão bibliográfica e análise de arquivos fotográficos públicos e privados, bem como de empresas (estúdios) que possuam coleções fotográficas.

O trabalho visa também argumentar a importância da fotografia como fonte de informação fundamental para a produção do conhecimento.

Devido à natureza do tipo de material abordado neste trabalho, ou seja, fotografias, vários termos técnicos específicos desta área são utilizados. Portanto, foi elaborado um glossário para melhor entendimento destes termos, que poderá ser consultado em caso de dúvidas.

2 JUSTIFICATIVA

Os documentos fotográficos produzem conhecimento acerca da imagem que transmitem, e essas imagens veiculam uma grande diversidade de informação, de acordo com o tipo de acervo, o que dificulta sua representação: uma fotografia da festa de casamento de uma determinada personalidade fornece dados completamente diferentes de uma fotografia de certa pauta jornalística, que por sua vez difere dos dados fornecidos pela fotografia publicitária de uma marca de refrigerantes. Por isso, ao criar pontos de acesso para um acervo fotográfico jornalístico e classificar seu conteúdo imagético, dificilmente se poderá usar a mesma sistemática aplicada a um acervo publicitário, histórico ou social.

Pouco referencial se encontra sobre tratamento da fotografia histórica, e ainda menos acerca do tratamento da fotografia jornalística, publicitária e social, que muito provavelmente, um dia poderá vir a ter conotação histórica, por fornecer dados sobre acontecimentos, moda, hábitos, produtos, personalidades, eventos, modelos, atores, fotógrafos, produtores, entre outros.

A escassez de fontes para tal assunto na área de Biblioteconomia, acaba não só por dificultar o trabalho do profissional na organização de coleções fotográficas, como também por distorcer a importância deste tipo de material na área biblioteconômica, deixando uma falsa impressão de que tal documento deva ser tratado somente pela área da Arquivologia. Não se pretende com este estudo tomar responsabilidades arquivísticas, mas contribuir com o conhecimento biblioteconômico para organização e recuperação de uma coleção fotográfica, seja ela de um acervo pessoal, histórico ou empresarial, entendendo que a fotografia é um item de informação tal como um livro, periódico, mapa, entre outros.

A importância da organização, ignorada inclusive pelos próprios responsáveis de alguns acervos, é verificada com especial atenção, evidenciando a praticidade e a funcionalidade da implantação de um sistema de organização direcionado às peculiaridades de cada acervo, trazendo tão somente benefícios aos seus usuários.

2.1 Delimitação do *corpus*

A pesquisa principalmente revisa o referencial teórico, embora escasso, bem como analisa os acervos fotográficos de dois museus, um estúdio de fotografia publicitária, um banco de imagens, dois acervos fotográficos de jornalismo e uma produtora de formaturas.

Esta análise evidencia quais os diferentes pontos de acesso para cada tipo de coleção, segundo as necessidades dos usuários destes acervos.

Existe uma extensa gama temática quando se trata de fotografia as quais se observam além das coleções já citadas, as fotografias especializadas em diversas áreas tais como a fotografia médica: macrofotografia de odontologia, fotografia clínica, etc.; biofotografia: ambiental, botânica, sub-aquática, do mundo animal, genética, etc. E ainda, a fotografia sociológica, assim como a fotografia documentária de uma empresa de engenharia, arquitetura, fotografia artística autoral entre diversas outras. Na maior parte das vezes, salvo publicações especializadas nessas áreas, quem faz essas fotografias são os próprios profissionais da área médica, biológica, sociológica, de engenharia e de artes plásticas respectivamente.

Dentro desta gama de assuntos, foram definidos como termos de comparação, as coleções fotográficas consagradas por fotógrafos profissionais, de âmbito geral, não incluindo a fotografia especializada (área médica, sociológica e biológica, etc.), mas sim as coleções comuns na área profissional da fotografia, a saber:

- a) acervo jornalístico;
- b) acervo publicitário;
- c) acervo social;
- d) acervo histórico.

2.2 Objetivos

Este trabalho teve como objetivos:

2.2.1 Objetivo Geral

Analisar as diferenças e as semelhanças de organização entre acervos jornalísticos, históricos, sociais e publicitários.

2.2.2 Objetivos Específicos

Este trabalho teve como objetivos específicos:

- a) observar e interpretar as peculiaridades de cada tipo de coleção;
- b) evidenciar os pontos contemplados pela representação descritiva e representação temática;
- c) verificar a adequação da representação descritiva e temática ao perfil de consulta do usuário de cada tipo de coleção.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO

Expondo conceitos teóricos e históricos sobre a fotografia, a seguir, pretende-se lançar os fundamentos para a realização da análise, e a aplicabilidade de tal estudo como um documento importante para a sistematização do tratamento e recuperação das informações imagéticas dos acervos já mencionados.

3.1 A Fotografia

A fotografia, desde o seu advento, cada vez mais tem sido fonte de informação ilustradora da história dos povos, dos costumes, dos acontecimentos, das descobertas e de tantas outras coisas, registradas em simples fotos de família, passando pela chegada do homem a lua e as tempestades captadas por câmeras de satélites chegando a construir verdadeiros mapas da superfície terrestre. Poderia-se citar páginas a fio a infinidade de momentos eternizados através do clique dos obturadores capturando feixes de luz. As fotografias estampam revistas, jornais, biografias e documentos científicos, embora ainda não tenham alcançado o devido *status* que merecem.

Kossoi afirma que não seria exagero dizer que ainda existe um preconceito na sua utilização como fonte histórica e que existem razões que poderiam esclarecer tal fato. Algumas delas:

A primeira é de ordem cultural: apesar de sermos personagem de uma “civilização da imagem” – e neste sentido alvos voluntários e involuntários do bombardeio contínuo de informações visuais de diferentes categorias emitidas pelos meios de comunicação – existe um aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do saber. A segunda decorre da anterior e diz respeito a expressão. A informação registrada configura-se num sério obstáculo tanto para o pesquisador que trabalha no museu ou arquivo como ao pesquisador usuário que frequenta essas instituições. O problema reside justamente na sua resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos, segundo os cânones tradicionais da comunicação escrita. (1989, p. 18).

Partindo da premissa de que unidades de informação são consideradas instâncias de preservação de elementos constitutivos de memórias coletivas e informacionais, tais como os livros, periódicos, monografias e mesmo recortes e folhetos, uma das justificativas deste projeto é a consagração da fotografia como fonte de informação ilustrativa

e em alguns casos, fundamental na produção do conhecimento, assim como merecedora de atenção especial no tratamento desse acervo como fonte analisada, indexada e organizada sistematicamente de acordo com seu propósito.

A necessidade desta atenção especial é justificada por Leite, que afirma:

Como outras formas de documentação, a fotográfica exige uma crítica externa das condições de produção, e interna, relativa ao conteúdo. Além de tais cautelas, impõe ainda um desdobramento de recursos de análise, pelo fato de compor um texto de imagens e não um texto vocabular, que tem um código mais difundido. (1993, p. 15).

Percebe-se que o mundo da fotografia é diverso e complexo em dois sentidos. O primeiro diz respeito ao suporte, que começa com daguerreótipos em 1839 evoluindo por tantos outros tipos de negativos e positivos, papéis fotosensíveis até chegar a atual imagem digital gravada em discos rígidos, fitas de *back-up* e CDs. O segundo diz respeito ao conteúdo imagético. Como dito anteriormente, é infinito como fonte de informação, e ainda amplo também como forma de expressão artística que compreende desde o teatro da fotonovela, os passos de dança até as formas modernas e contemporâneas de expressar toda e qualquer forma visível produzida pela luz aliada às mais diversas técnicas e matérias, tal como um pintor cria uma tela. Segundo Netto: “No modo epistêmico, a imagem traz informações visuais sobre o mundo, tornando-se um instrumento de conhecimento.” (2004, p. 19).

A dificuldade de indexar o conteúdo da imagem assim como catalogar os dados relativos a ela mostra-se presente a partir do momento em que percebemos que as diferenças entre os diversos tipos de imagens confrontam-se com um único padrão que não responde as necessidades do tratamento de uma coleção e de outra. Leite aponta que “[...] as imagens precisam ser traduzidas por palavras, tanto para a sua análise como para a sua comunicação, o que acrescenta à polissemia da imagem as ambigüidades provocadas pela alteração do código.” (1993, p. 16); assim, este trabalho se baseia não só no ideal de preservação da memória, como no ideal prático de fornecer condições para a construção de instrumentos de representação e recuperação dessa informação em particular, mas principalmente em acervos que diferem em seu propósito, evidenciando o motivo pelo qual a imagem foi registrada, evitando qualquer falsa interpretação da imagem representada, como justifica a citação:

As imagens fotográficas têm o apelo da evidência, que é por si mesma, capaz de nos persuadir. Se um relato verbal quiser produzir o efeito de realidade, seria

preciso que uma enunciação exaustiva de detalhes fosse perfilada. Através dos detalhes ficam inscritas no discurso as marcas do real. (NEIVA JR., 1986, p.67).

Enquanto a fotografia jornalística basicamente documenta um acontecimento, a fotografia publicitária o imita. Portanto, o relato de uma fotografia precisa ser detalhado para que não venha persuadir erroneamente do seu real significado.

Para diferentes coleções, existem diferentes necessidades descritivas e temáticas. Em um caso, a entrada principal pode ser o fotógrafo, em outro pode ser o assunto ou o cliente, ou o que melhor ou mais importante for para o usuário.

A imagem fotográfica transmite canais expressivos que comunicam àqueles que a examinam. Comumente, os acervos fotográficos contam com processos rígidos de tratamento, cujo objetivo principal está focalizado na preservação, reprodução de cópias e localização e, dificilmente, esse processo contribui para a análise do conteúdo, que também poderia estar relacionada com a localização através de uma subsequente codificação.

A necessidade do detalhamento da imagem exemplifica-se na representação de um objeto qualquer, fotografado como forma ilustrativa, cujo tamanho não se pode perceber sem a presença do objeto para que este possa ser tocado e visto o seu real tamanho. Embora o exemplo seja deveras simplificado, se comparado às imagens que representam um arquivo jornalístico, publicitário, histórico e social; a simples constatação da necessidade de descrição da dimensão do objeto já demonstra a diversidade de detalhes a serem descritos para uma constatação real do significado expresso nas imagens, sem distorções supostas por possibilidades narrativas daqueles que a observam.

Considerando a descrição imagética, Neiva Jr. afirma: “O ser descrito não cria o discurso; ele apenas o constata. É o discurso que, por obediência ao sentido, produz – numa tática de expressão – as suas personagens. Estamos aqui além dos limites da imitação.” (NEIVA JR., 1986, p. 20). A análise dos acervos pretende contribuir principalmente com o tratamento dos diversos tipos de coleção, no que se refere à representação do conteúdo temático e descritivo de cada um deles a fim de que não sejam ignorados os detalhes que forneçam uma consistência perene, no qual o pesquisador não dependa do fotógrafo, do cliente, ou do personagem – vivos – para entender o que realmente transmite cada fotografia. E que, por ausência de consistência, não venha esse mesmo pesquisador necessitar usar de sua dedução, transformando um fato em uma ficção ou vice-versa.

3.2 Os Acervos Fotográficos

Os acervos fotográficos podem ser encontrados nas mais diversas instituições, sejam elas: empresas públicas ou privadas, que possuam registros dos seus produtos, inaugurações, eventos etc; instituições públicas ou privadas que armazenem registro de sua história, ou mesmo imagens de seus vultos e personalidades. Empresas de comunicação que incluam imagens jornalística e publicitária ou mesmo de eventos, instituições de ensino, pesquisas e saúde pública que registram imagens diversas, como por exemplo, exames para identificar doenças, espécies de plantas ou animais, tipos de rochas, etc.

Os quatro tipos distintos de bancos de imagens escolhidos para análise, diferenciam-se através do assunto tratado por cada um e propósito de existência das imagens que armazenam.

3.2.1 Acervo Fotográfico Histórico

O acervo fotográfico histórico caracteriza-se por registrar imagens históricas que comprovem a existência de um fato, lugar, pessoa ou situação que pertencem ao passado. Normalmente localizam-se em museus, bibliotecas e arquivos históricos. As fotografias estão registradas nos mais diversos suportes analógicos e digitais e destinam-se, basicamente, à pesquisa histórica. Não existe uma relação comercial entre acervo e usuário nestas coleções.

Caracterizam-se basicamente por incluírem como assunto:

- a) pessoas: famílias, políticos, artistas, líderes, etc;
- b) lugares: desenvolvimento de países, estados, cidades; instituições, arquitetura, etc.;
- c) costumes: vestuário, festas populares, crenças, folclore, etc.

3.2.2 Acervo Fotográfico Jornalístico

O acervo fotográfico jornalístico consiste num acervo de fotografias que complementam as notícias publicadas em um jornal. Essas fotografias ilustram a notícia, mostrando o fato ao leitor. As fotografias podem ser feitas pelos fotógrafos do jornal,

compradas de agências de imprensa, banco de imagens ou mesmo doadas para divulgação de filmes, livros, eventos, espetáculos, etc.

Até o ano de 2000, as imagens eram registradas em filme 35mm, padrão da maioria das câmeras profissionais direcionadas ao fotojornalismo, porém, na segunda metade da década de 90 esses negativos começaram a ser digitalizados. Em 2001 começam a entrar no mercado as câmeras digitais, usadas até hoje em virtude da rapidez de transmissão da imagem para a redação, dispensando o tempo gasto em laboratório para a revelação dos negativos e ampliação das fotos.

Comumente essas fotografias são reutilizadas em retrospectivas, falecimentos, ou fatos que se repetem. Caracteriza-se este acervo por não possuir uma relação comercial entre acervo e usuário, embora costume comprar imagens de outros prestadores de serviços e vender imagens produzidas pelos fotógrafos da empresa jornalística, normalmente para publicação de notícias interestaduais e internacionais. De conteúdo variado, as fotos focalizam acontecimentos diários relativos a:

- a) lugares: países, estados, cidades, bairros fauna, flora;
- b) pessoas: personalidades políticas, artistas, cidadãos, atletas;
- c) fatos: denúncias, acidentes, descobertas, desastres, guerras, óbitos, eventos esportivos e culturais.

3.2.3 Acervo Fotográfico Publicitário

Este é um acervo de imagens feitas para comercialização por encomenda direta de agências, jornais, editoras, ou mesmo pessoas, para a publicação ou demonstração de um produto ou modelo. Normalmente esses acervos existem em estúdios fotográficos e bancos de imagens. Caracterizam-se por venda de imagem e reprodução fantasiosa de uma suposta realidade acerca de um produto.

As imagens normalmente são feitas em película diapositiva de médio e grande formato para uma maior qualidade nas ampliações como *outdoors* e *banners*, mas também é usada plataforma digital para manipulação da imagem. Essas películas costumam ser reutilizadas para venda ou mesmo para estudos de locação, de modelos, etc. Esta coleção possui relação comercial definida entre acervo/usuário. Envolvem geralmente:

- a) imagem pessoal: modelos, profissionais liberais, artistas, personalidades políticas, etc.;
- b) marcas: automobilísticas, vestuário, cosméticos, alimentos, etc.;
- c) produto: carros, motos, sapatos, xampus, chocolates, etc.;
- d) produção: técnicas de iluminação, material de suporte, produtor de moda, maquiador, etc.

3.2.4 Acervo Fotográfico Social

O acervo fotográfico social caracteriza-se, principalmente, por registrar eventos sociais dos mais diversos, relativos aos costumes de uma sociedade. Estes acervos existem em estúdios fotográficos e produtoras de eventos. Costumam ser mantidos por um tempo mínimo de cinco anos e são comercializados sempre que o cliente deseja comprar uma foto ou uma cópia. São registrados em filme fotográfico ou plataforma digital e possui relação comercial direta entre acervo e usuário. As fotografias deste acervo envolvem geralmente:

- a) imagem pessoal: normalmente esses eventos são comemorativos a um acontecimento relativo a uma ou mais pessoas;
- b) eventos: casamentos, aniversários, bodas, formaturas e datas comemorativas em geral.

3.2.5 Diferenças e Semelhanças Observadas Entre os Diferentes Acervos

A partir da observação das características dos diferentes tipos de acervo, puderam ser constatadas diferenças e semelhanças em diversos itens. Porém, mesmo onde se observa a semelhança, existem diferenças intrínsecas que devem ser levadas em conta já que, por exemplo: onde há relação comercial entre usuário e acervo, ressalta-se que o cliente

publicitário muitas vezes é uma marca ou razão social de uma empresa, fábrica ou produto e o cliente de fotografia social é uma pessoa que contrata os serviços do fotógrafo / estúdio.

As diferenças evidenciam que esses acervos devam ser analisados e tratados de acordo com seus objetivos, para que não acabem se perdendo no universo da informação como mais um arquivo sem uso, apenas ocupando espaço. Cada dia mais fotografias são produzidas e acumuladas desordenadamente nesses acervos, sem que se consiga usufruir todo o seu conteúdo de maneira a ser aproveitada em toda a sua riqueza informacional.

4 METODOLOGIA

O estudo aplicado é uma pesquisa exploratória, que segundo Luna é: “[...] um recurso de um pesquisador experiente que adentra uma área ainda pouco explorada.” (1999, p. 61), já que analisa um grupo específico de acervos e suas peculiaridades. Esta análise é centrada principalmente, em razão da escassez bibliográfica, na observação das características dos acervos visitados, bem como das técnicas de representação descritiva e temática, aplicadas nos catálogos e bases de dados, assim como nos pontos de acesso necessários para resposta do perfil de consulta de seu usuário.

4.1 Método de Pesquisa

Os acervos escolhidos foram selecionados de acordo com cada área de atuação proposta, com a finalidade de observar as necessidades de cada um. Foram observados os métodos de organização dos acervos através de entrevistas informais que Vasconcelos define como “[...] o tipo menos estruturado e mais próximo da conversação informal, geralmente usado nos estudos mais exploratórios [...]” (2002, p. 220). Porém, obedecendo a pauta de um roteiro pré-estabelecido como norteador (vide Apêndice A), já que conforme afirma Luna, “[...] as situações em que a ação exploratória é a própria pesquisa e as informações disponíveis não permitem qualquer planejamento situam-se fora de qualquer discussão organizada.” (1999, p. 62), inviabilizando então qualquer tipo de questionário com perguntas abertas ou fechadas. Neste roteiro foram anotados os sistemas aplicados na organização dos acervos e, posteriormente, avaliados no sentido de sua adequação às necessidades do usuário conforme os relatos nas entrevistas informais, sem nenhum recurso de gravação ou assemelhados.

O roteiro foi elaborado visando observar os propósitos do acervo bem como os métodos usados para registro, representação descritiva, representação temática, organização física e verificar se porventura existe alguma lacuna que viesse a ser observada como necessidade ou falha na organização e tratamento do acervo.

Cada acervo visitado foi analisado individualmente e os relatos das entrevistas apresentados em um quadro comparativo para uma visão mais panorâmica, prevendo a

possibilidade de respostas semelhantes ou contrastantes, permitindo assim uma possibilidade de maior precisão.

A análise da pesquisa foi apresentada simultaneamente na forma textual, seguindo a mesma seqüência lógica do roteiro proposto, começando pelas semelhanças entre os acervos, seguindo pelos contrastes e apresentando algumas sugestões.

4.2 Seleção dos Acervos

Como objeto de pesquisa foram selecionados acervos que possuem características de cunho histórico, jornalístico, publicitário, e social. Esta escolha se deu, por serem estes acervos, o resultado da produção de profissionais consagrados no âmbito geral da fotografia. Esses acervos possuem grande volume de documentos fotográficos de variados temas, com acesso liberado à comunidade ou restrito aos seus proprietários, conforme o caso.

A partir dos tipos de acervos acima citados, foram escolhidos os acervos que fariam parte da pesquisa. Os critérios utilizados para a escolha foram: a popularidade da instituição, a facilidade de acesso, e a receptividade do responsável pelo acervo em fazer parte da pesquisa. Este último critério foi definido, principalmente, visando focar os arquivos restritos ao público ou a pessoas que não façam uso direto de pesquisa na coleção, ou seja, arquivos de cunho particular da produção de um estúdio, ou de um jornal.

Em um segundo momento, foram contatados os responsáveis pelo acervo, e agendadas visitas guiadas pelos próprios responsáveis, funcionários ou estagiários, aos quais se aplicou uma entrevista informal, sendo feita na mesma oportunidade a observação dos sistemas de organização das coleções.

5 CONTEXTO DA PESQUISA

Segundo o critério de escolha estabelecido, os acervos analisados serão apresentados nesta seção.

5.1 Fototeca Sioma Breitman

A Fototeca Sioma Breitman, inaugurada em 1987, é um setor do Museu Joaquim José Felizardo, mantido pela Secretaria Municipal de Cultura, órgão vinculado à Prefeitura de Porto Alegre, e possui cerca de 50.000 importantes documentos fotográficos de profissionais porto-alegrenses a partir do século IX, entre negativos, fotografias e *carte de visite*. O atendimento da Fototeca é feito nas terças e sextas feiras no horário das 14h às 18h, com acesso livre à comunidade, mas, com limite de imagens por pesquisa, que o usuário possa copiar.

Abriga documentos de referência sobre a história do município de Porto Alegre e tem como principais frequentadores saudosistas, pesquisadores, profissionais e estudantes de Arquitetura, História e Comunicação Social. O responsável pelo acervo é o historiador e técnico em museologia Pedro Vargas e conta com a ajuda da estagiária do curso de História Rita Magueta para o processamento das fotos e o atendimento ao público. Possui fotografias ampliadas em papel fotográfico, negativos de vidro (utilizados no início do século) e negativos flexíveis de diversos formatos.

5.2 Acervo Fotográfico Hipólito José da Costa

Fundado em 1974, o acervo faz parte do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, e é subordinado à Secretaria da Cultura do Estado e Governo do Estado do Rio Grande do Sul. O atendimento é feito de terças às sextas-feiras, das 14h às 18h, e é aberto à comunidade. Conta com cerca de 4 mil fotos ampliadas em papel fotográfico, 40 mil negativos flexíveis de variados formatos, 40 negativos de vidro, diapositivos, cartões postais, quadros de exposições e câmeras fotográficas. Lá também é depositado, a cada final de mandato, todo o acervo da assessoria de imprensa do Estado do Rio Grande do Sul.

O setor de fotografia é coordenado pela antropóloga com formação em conservação de fotografias, funcionária Denise Stumvoll, que também é quem faz o

processamento das fotos e o atendimento ao público. O público usuário habitual do acervo são estudantes universitários, principalmente da área de Arquitetura e Ciências Sociais, do ensino médio, produtoras de cinema e vídeo e agências de publicidade. Tem como objetivo ampliar o acervo a partir do contato com os fotógrafos que atuaram em outras décadas, resgatando a memória do Rio Grande do Sul.

5.3 CP Memória

Acervo que armazena todo o conteúdo fotográfico das pautas jornalísticas e fotos de divulgação do Jornal Correio do Povo, o CP Memória existe desde 1966 e possui 4.166.063 negativos 35mm e não há uma contagem aproximada do número de ampliações fotográficas. As imagens digitais totalizavam, no dia da pesquisa, o número 413.067 fotos armazenadas em servidor, CD's e DVD's, cujo número aumenta consideravelmente a cada dia que passa. Possui ainda imagens compradas de outros bancos de imagens, em sua maioria de cunho jornalístico internacional como a Agence France-Press.

O setor é coordenado pelo jornalista Dirceu Chirivino que processa as imagens juntamente com mais cinco funcionários, todos jornalistas contratados. Seu acervo é restrito somente aos fotógrafos, jornalistas e editores do Jornal Correio do Povo e demais funcionários do jornal, rádio e TV Guaíba.

5.4 CDI Zero Hora

Centro de Documentação e Informação do Jornal Zero Hora, também armazena todo e qualquer material fotográfico de pautas jornalísticas, fotos de divulgação e *cartuns* de todos os jornais do grupo Rede Brasil Sul: Jornais Zero Hora, Diário Gaúcho, Pioneiro, Jornal Santa Catarina, Diário de Santa Maria e Diário Catarinense. Esses quatro últimos disponibilizados via intranet na mesma base de dados, mas tratados na sua origem. Possui também, imagens compradas de bancos de imagens jornalísticos nacionais e internacionais, como Folha Imagem e AP. Seu acervo é restrito aos funcionários do grupo RBS, mas vende fotografias à comunidade em geral, com agendamento de horário, pelo valor de R\$15,00 cada imagem, mais o valor do CD, que pode ser levado pelo cliente. Conta com acervo rico de negativos 35mm, cópias fotográficas e CD's com imagens digitais, assim como acervo digitalizado das imagens publicadas antes da transição do formato analógico para digital. Totalizava, no ano de 2005, o número de 16.000.000 de imagens. Os 14 funcionários

da área de Biblioteconomia, História, Letras e nível médio, são coordenados pela Bibliotecária Patrícia de Oliveira.

5.6 Estúdio Mutante

O acervo atual do Estúdio Mutante existe desde 2002 e é o produto do trabalho publicitário do fotógrafo e professor de fotografia da PUC e ESPM, Raul Krebs, e de seus dois fotógrafos auxiliares Ricardo Lage e Gustavo Schossler. É organizado pelo estagiário de publicidade e propaganda Carlo Vidor orientado pelos fotógrafos do estúdio, que desconhecem o número total de imagens existentes. É constituído apenas de diapositivos nos formatos 35mm (pequeno formato), 120mm e 220mm (médio formato). Além dos funcionários já mencionados, o estúdio conta com a administração de Simone Ravison, parceira de Raul Krebs desde 1987, coordenando o estúdio. O acervo é consultado apenas pelos funcionários do Estúdio Mutante nos casos de estudos de locação, estudos de luz, venda de imagens prontas e reutilização de imagens. Tem como clientes diversas agências de publicidade, agências de modelos, cadernos Donna e Gastronomia do jornal Zero Hora, produtoras de cinema, entre outros, que encomendam as fotos e as recebem nas suas sedes.

5.7 Next Foto

A Next Foto é um banco de imagens, que desde o ano de 2002 disponibiliza pelo ambiente da *web*, 24 horas por dia, todos os dias da semana, 35.000 fotografias de 73 fotógrafos renomados no mercado, para a comercialização ao mercado publicitário e editorial. O usuário faz a pesquisa por temas, autores, características e palavras-chave. A cessão de direito autoral, compra e *download* da imagem também é feito pela internet no endereço eletrônico <http://www.nextfoto.com.br/>. O fotógrafo e coordenador Marcelo Ruschel conta com os conhecimentos do técnico em informática Alessandro Rodrigues e da estagiária de publicidade e propaganda Martha Grill para o processamento das imagens no sistema.

5.8 Di Foccus Produções

A Di Foccus Produções é uma empresa de produção de formaturas, que possui acervo com aproximadamente de 25.000 filmes 35mm e 800 álbuns de provas das fotografias de solenidades de formaturas. O acervo dos álbuns é consultado pelos formandos e familiares para escolha e encomenda das fotos que desejem comprar. A empresa existe desde 1998 e

acumula filmes dos últimos cinco anos e álbuns dos últimos 3 anos, que após este período são descartados. O departamento de fotografias é coordenado pelo diretor do departamento Laerte Silva e os filmes e álbuns de provas são processados por cinco funcionários com formação de nível médio. O horário de atendimento aos clientes é das 8:30h às 19h, de segundas às sextas-feiras e nos sábados com agendamento de horário.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão analisados os dados levantados em cada acervo fotográfico. Para uma melhor visualização das características organizacionais de cada acervo visitado, os dados foram primeiramente reunidos num quadro, apresentando as informações fornecidas nas entrevistas, com exceção do propósito do acervo que será apresentado no tópico 6.1

Posteriormente serão descritos de forma dissertativa juntamente com as observações percebidas durante a pesquisa. Nessas duas apresentações, a ordem obedecerá sempre a mesma seqüência lógica do roteiro (vide Apêndice A).

No quadro Comparação dos Acervos Fotográficos, os dados foram codificados da seguinte forma:

Os acervos numericamente:

- 1- Fototeca Sioma Breitmam
- 2- Acervo Fotográfico Hipólito José da Costa
- 3- CP Memória
- 4- CDI Zero Hora
- 5- Estúdio Mutante
- 6- Next Foto
- 7- Di Foccus Produções

E os aspectos analisados alfabeticamente:

- a- N° de registro
- b- Características de organização física do acervo
- c - Representação descritiva
- d - Representação temática
- e - Lacunas

6.1 Propósitos dos Acervos

Em todos os casos examinados, o propósito do acervo é salvar e/ou comercializar as imagens que o constituem. Mesmo nos casos de acervos históricos, há uma constante busca pela cópia da imagem por parte do usuário, não só com o objetivo de perceber a informação da imagem, mas também como para a contemplação de aspectos não mais existentes, assim como a busca por pessoas, construções arquitetônicas como objeto de estudo, e até mesmo a busca de uma imagem que enfeite o seu lar.

Nos acervos jornalísticos e publicitários, a coleção não só alimenta o histórico de publicações, mas é um produto comercializado para terceiros, sendo ainda reutilizado em notícias retrospectivas, comparações, publicações históricas em livros didáticos, propagandas etc. Existe, também, a utilização das imagens como objeto de estudo de locações, de luminosidades, de fotogenias, estilos, filmes entre outros motivos.

Nos acervos sociais, as fotografias são o produto que gera o lucro propriamente dito, uma vez que o objetivo principal do acervo é comercializá-lo, sendo descartado depois de determinado período de tempo, o que se pode considerar lamentável, uma vez que este acervo poderia ter futura importância como subsídio histórico de personalidades e acontecimentos relativos a tais pessoas.

Embora somente os acervos históricos e sociais sejam públicos, os jornalísticos não possuem menor importância, já que são tão freqüentemente consultados e utilizados como nos diversos casos já citados.

Com o advento da fotografia digital aliada a modernização das câmeras fotográficas, nem tudo são facilidades. Dificuldades com o descarte apareceram em virtude da empolgação dos fotógrafos em triplicar o número de fotografias sobre o mesmo tema, proporcional ao alto preço de arquivamento das pesadas imagens virtuais. A preocupação em descartar ou guardar a imagem certa é constante e recai sem sombra de dúvidas sobre um editor de imagens, profissional cada vez mais requisitado nos acervos que trabalham com esse tipo de documento.

6.2 Registro

Em todos os acervos consultados, o número de registro possui apenas uma função codificadora, seja ela de localização, seja de identificação da obra.

Curiosamente, mesmo onde o registro possui função identificadora, não há uma função de propriedade, ou seja, de tombamento para instituição e tampouco de direito autoral, já que a lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 no seu art. 18 afirma que “A proteção aos direitos de que trata esta Lei independe de registro.” (BRASIL, 2006). Não existindo, por isso, nenhuma formalidade necessária para oficializar o direito de autoria. Este direito, se dá automaticamente com a criação da obra intelectual (literária, científica ou artística), tenha ela sido registrada ou não.

No entanto, no acervo CP Memória, do Jornal Correio do Povo, um carimbo com o nome da instituição no verso da ampliação, simboliza a propriedade, já que a mesma é responsável pelo controle de distribuição e repasse de valores aos autores (fotógrafos), referentes ao direito patrimonial da imagem. Para a lei, nestes casos, onde o fotógrafo produz a obra como contratado, o contratante também é indenizador nos casos de uso indevido.

Este caso também se aplica ao CDI Zero Hora e ao banco de imagens publicitárias Next Foto. Nos dois acervos históricos analisados, a Fototeca Sioma Breitman e o Museu Hipólito José da Costa, o número tombo foi adotado e abolido inúmeras vezes com as trocas de administração. Chegou inclusive a existir um livro tombo, mas hoje em dia, na Fototeca Sioma Breitman o número de registro é apenas um número virtual da base de dados e no Museu Hipólito José da Costa está em fase de reimplantação juntamente com todos os bens do Museu.

6.3 Organização Física e Virtual

Em quase todos os acervos existe uma base de dados gerenciadora das fotos e suas informações, que trabalham ou não conjuntamente com o Adobe Photoshop, *software* consagrado para tratamento de imagens. Os únicos acervos que não possuem esse tipo de base de dados são o do Estúdio Mutante e da Produtora Di Foccus. Existem também catálogos manuais de fichas, tanto para a representação descritiva e temática como catálogo decisório para sinônimos, como no caso do CP Memória.

No Museu Hipólito José da Costa, a base foi inicialmente construída no padrão CDS ISIS, que funcionou por dois anos. Quando trocou de administração, foi substituída por uma base com os mesmos padrões de campos construída em Access, que agora possui uma opção de visualização da fotografia. Ainda de forma um tanto rudimentar, já que para tal precisa ser inserido na máquina o CD no qual a imagem foi gravada em baixa resolução. Para

cópia, é necessário inserir outro CD onde foi gravada em alta resolução. Outro exemplo de base de dados construída para a instituição é o caso do CP Memória, no acervo digital e o CDI Zero Hora para o acervo analógico.

Dois acervos, o do Estúdio Mutante e da Di Foccus Produções de característica publicitária e social, respectivamente, não possuem base de dados nem catálogo algum. O acervo é organizado por características de clientes com poucas informações a respeito da imagem, e em consequência disto há um “arquivo morto” de grande volume não utilizado pela desorganização, mas cujas informações poderiam ser reutilizadas, como veremos mais adiante, ou então, descartadas, caso não possuam alguma serventia.

O CDI Zero Hora (acervo digital), Next Foto e Fototeca Sioma Breitman possuem bases de dados comerciais, que respondem às suas necessidades, são elas: Telescope, uma base canadense; o Photo Station, uma base norueguesa e o Donato, uma base projetada para acervo de museus. Todas as bases de dados citadas possuem possibilidade de visualização da imagem.

Em todos os acervos virtuais, a cópia de segurança, ou *back up* é feito em CD-R e DVD-R, com exceção da Next Foto, que faz essas cópias em HD's espelhados (cópias em discos rígidos), e do CDI Zero Hora que faz diariamente em fitas magnéticas, juntamente com todo o conteúdo virtual do Grupo RBS, cujo serviço é terceirizado pela Brasil Telecom. Este último método, é o de maior custo, porém o mais confiável, já que ainda não se sabe ao certo a duração das mídias de CD's e DVD's, ao mesmo tempo em que os discos rígidos são passíveis de queimarem em virtude de quedas de luz ou mesmo por erro de manutenção.

6.4 Representação Descritiva

Neste tópico é que se notam as maiores diferenças entre as necessidades de descrição dos acervos e é aqui onde mais se comprova a diferença na organização de um catálogo em fichas ou base de dados automatizada.

As principais semelhanças observadas nos dados de representação descritiva dos quatro tipos de acervos, são:

- Título da foto;
- Cromia;
- Autor / fotógrafo;

- Data;
- Número de chamada;
- Local;
- Catalogador ou indexador - nome da pessoa que inseriu os dados.

Essas informações foram consideradas básicas, e comuns a todos os tipos de acervo, embora mantenham suas diferenças. Por exemplo: o que se considera como título pode ser o que lhe foi atribuído pelo catalogador, ou por uma legenda sobre a imagem, como pode ser aquele dado pelo autor. As bases dos acervos históricos apresentam um campo de notas específico para isso. O número de chamada também é uma característica não padronizada; cada acervo adota um sistema diferente que visa a localização das ampliações, negativos, positivos entre outros.

No entanto, as diferenças destacam-se bastante em cada tipo de acervo, e por isso serão apresentadas separadamente de acordo com o seu tipo específico. Essas informações se organizam em campos tanto para descrição livre, como apenas para marcação de afirmação ou em branco para negação, assim como para preenchimento numérico. Nas fichas catalográficas, normalmente, as informações estão preenchidas à mão, conforme se pede no padrão da ficha.

No caso da Fototeca Sioma Breitman, essas fichas também obedecem a um padrão. No entanto, são datilografadas, assim como no Acervo Fotográfico Hipólito José da Costa e no CP Memória.

No acervo do Estúdio Mutante as informações constam escritas à mão diretamente no envelope dos diapositivos sem qualquer padronização e na Di Foccus produções escritas à mão em um índice com o número do filme que remete às outras informações.

6.4.1 Representação Descritiva de Fotografia Histórica

Nas duas coleções históricas analisadas, foram observadas nas bases de dados e nas fichas catalográficas, informações sobre:

- Tipo de material - se é fotografia em papel, negativo, chapa de vidro;

- Dimensões – em centímetros na altura em largura;
- Caráter – se é original, duplicata, reprodução, cópia;
- Informações sobre o filme – se é negativo de 1ª, 2ª, 3ª geração. Se é diapositivo, negativo, entre outros;
- Tombo – o número de registro é também o número de chamada;
- Coleção – geralmente estão separadas pelo tipo de material: Fotografia, Cartões Postais, Exposições (quadros), entre outros;
- Atribuição - se existem provas que a foto é de um autor específico, ou se chegou a uma conclusão que a foto é dele;
- Assinada – se há na foto inscrições da assinatura do autor da foto;
- Marcada - marca d'água, carimbo, selo, na própria imagem;
- Datada – se há informações de data na fotografia;
- Período - usam-se os quartéis do século e também a década;
- Local – que na verdade também poderia ser o título da imagem;
- Transcrição da assinatura - como a foto está assinada;
- Material e técnica - se é negativo, papel fotográfico, etc;
- Dimensões da obra - no caso do Donato, programa voltado para museus, também possui campos para o diâmetro;
- Moldura base - existência de *passé partout*;
- Medidas - do *passé partout*;
- Procedência - a forma de aquisição;
- Data da aquisição;
- Doador - nome do doador ou da família, instituição doadora;
- Valor de compra - quando for o caso;
- Ex-proprietários - a quem pertenciam as fotografias;
- Exposições - descrição aberta de exposições que houveram;
- Data de produção - para cartões postais, coleções impressas, entre outros;
- Local de publicação/distribuição – neste caso, para cartões postais e coleções impressas;
- Editor/distribuidor - para cartões postais e coleções impressas;
- Impressão - para cartões postais e coleções impressas;
- Material adicional - qualquer tipo de material que acompanhe o item;
- Notas do título - registram-se incorreções do título na fonte principal;

- Notas de local e data - registra-se fonte utilizada para identificação da data e local;
- Notas de indicação de responsabilidade - registra-se fonte utilizada para identificar estúdio, laboratorista, retocador, etc;
- Restrições - qualquer restrição ao manuseio, reprodução, publicação, entre outros;
- Notas de pesquisa - toda informação relativa à pesquisa da imagem catalogada;
- Organização/arranjo - registra-se a organização no caso de um conjunto como álbum, porta-fólio ou dossiê;
- Exemplares existentes no acervo - informa se não consta no acervo a coleção completa de um item. Registra o número detalhado de exemplares existentes no acervo.

Observam-se nessa descrição, dados de importância unicamente relativos ao acervo histórico, os quais não se teria o que preencher em qualquer outro tipo de acervo analisado nessa pesquisa.

6.4.2 Representação Descritiva de Fotografia Jornalística

Nas duas coleções jornalísticas analisadas observam-se, além das informações consideradas básicas (6.4), dados sobre:

- Número do negativo;
- Número do fotograma;
- Data da reportagem;
- Data da publicação;
- Evento – a pauta jornalística;
- Orientação – se é vertical ou horizontal;
- Tamanho do arquivo – a resolução e tamanho para fotografias digitais;
- Formato eletrônico - Formato de compressão eletrônica para fotografias digitais;

- Indexador - nome da pessoa que inseriu os dados;
- Repórter;
- Fonte – se é fotografia de divulgação, terceirizada, do acervo, ou de agências como AP, AFP, Folha Imagem;
- Tipo de doc. - se é capa de CD, capa de livro, entre outros;
- Caderno – qual o caderno do Jornal em que a foto foi publicada: Vida, Vitrine, Donna, entre outros;
- Seção/editoria – qual a seção do jornal em que a fotografia foi publicada polícia, política, esportes, geral, tempo, internacional, entre outros.

Nos acervos Jornalísticos, as fotografias analógicas são sempre feitas em negativos 35mm, e o número de chamada adotado normalmente é duplo: um para o negativo e fotograma, e o outro para a pasta com as fotografias ampliadas, ou contatos.

O **Evento** equivale ao **Título** da película, ou da fotografia, o **Repórter** é o responsável pela matéria, mas não pela foto, que é responsabilidade do fotógrafo. O item **Indexador** é amplamente usado nas áreas jornalística e publicitária para a atividade de alimentação da base de dados.

Esses dados são úteis não só para a recuperação dos dados, mas principalmente para descrever as características da fotografia. Saber qual o seu histórico de publicação ou a relevância da reutilização dela em alguma matéria.

6.4.3 Representação Descritiva de Fotografia Publicitária

Neste tipo de acervo, observam-se, além das informações consideradas básicas (6.4), dados sobre:

- Agência – agências de publicidade que contratam o estúdio;
- Cliente - empresa ou marca que contrata o estúdio através da agência ou diretamente sem o intermédio de uma;
- Orientação da fotografia – se é vertical ou horizontal;
- Vista – qual o ângulo da fotografia, se é de cima para baixo, de baixo para cima, lateral, frontal, aérea, panorâmica etc;

- Iluminação – se é feita por iluminação contínua, tochas, rebatedores, diurna ou noturna;
- Locação – se é em ambiente interno, externo ou subaquática;
- Detalhe (macrofotografia, *close-up*);
- Formato do diapositivo – qual a metragem do fotograma, médio formato, grande formato.

Nos dois acervos pesquisados, foram constatadas inúmeras diferenças para a catalogação do acervo, mesmo porque, um deles é um estúdio de um fotógrafo renomado, e o outro um banco de imagens cujos fotógrafos enviam suas imagens para serem comercializadas às agências, editoras, jornais, etc.

A catalogação do Estúdio Mutante é extremamente precária, já que faltam inúmeras informações sobre a foto, consideradas desnecessárias pelos proprietários, como por exemplo, informações sobre a autoria, que segundo eles (são três fotógrafos) cada um sabe quem fez o quê. Explicação que não se justifica, já que a administradora e o estagiário consultam o acervo mais freqüentemente que os fotógrafos, que não estão presentes ou disponíveis no estúdio o tempo todo para solucionar essa dúvida, sem contar com o risco de terem sua autoria confundida em uma análise póstuma. No entanto, é justificável que o Cliente e a Agência sejam a entrada principal já que o objetivo do acervo é produzir e vender as imagens para eles.

Tal como foi observado nesse estúdio, as fotografias publicitárias envolvem ainda uma série de profissionais, que poderiam ser incluídos na catalogação da foto, como base para reaproveitamento de imagem e inclusive estudo de profissionais, tais como:

- Modelo - para renovação de contratos de uso de imagem, estudos de fotogenia, etc;
- Maquiador - para amostras do trabalho;
- Manipulação - a maioria das fotos publicitárias, hoje, são manipuladas artisticamente, e hoje em dia o profissional que faz essa arte, também recebe a responsabilidade de autoria da foto;
- Auxiliares - normalmente todo trabalho de iluminação é montado pelo auxiliar, sua responsabilidade poderá servir como estudo de locação;

- Produtor de moda - recebe a responsabilidade das vestimentas dos modelos em fotografias para editoriais;
- Cenografia - responsável pelo cenário e a decoração do ambiente.

É inegável que as fotografias publicitárias recebem apenas, e quando muito, os créditos do fotógrafo. No entanto, essas informações descritivas seriam de uso exclusivo do estúdio e das agências como fontes não só para pesquisas dentro de sua própria produção, como para uma visualização de idéias parecidas ou diferentes das já produzidas. Ampliariam assim o leque criativo desses profissionais, já que um dos propósitos fundamentais de existência da coleção é o estudo da imagem já fotografada. Essas inclusões resultariam em uma identificação mais detalhada, para um acervo cujos usuários tenham um nível de exigência maior, e possuam uma visão mais ampla de aproveitamento da sua produção. O próprio Estúdio Mutante afirma usar seu acervo, também como objeto de estudo de locações, luminosidades, muitas vezes deslocando um profissional até um local para um ensaio de fotos, apenas para a idealização de um projeto, antes de decidir o tipo de produção necessária para a realização das fotos.

É quase total o uso de filmes de médio e grande formato para fotografia publicitária, e esses filmes possuem um custo muito elevado. Na maioria das vezes essas fotos estão perdidas em um “arquivo morto”, e conforme a necessidade, esses ensaios são refeitos novamente, tendo um custo de filmes e revelações que poderia ser evitado.

6.4.4 Representação Descritiva de Fotografia Social

Foram identificadas, como informações que consideramos do âmbito da representação descritiva, peculiar do acervo da Di Foccus Produções:

- Curso;
- Universidade;
- Semestre;
- Ano.

Essas informações são, assim como o número de chamada, os pontos de acesso dos negativos e álbuns. Neste caso específico, a produtora trata não somente de eventos

relacionados às solenidades de formatura, mas também aos eventos que a antecedem. As fotografias são feitas em suporte analógico e também digital. Portanto, além dos dados descritivos em comum com os outros tipos de acervo, e que se apliquem a este caso, e dos dados observadas como peculiares dessa produtora, consideramos importante, também, a inclusão das seguintes informações:

- Evento – se é festa, almoço, janta, invasão ou solenidade de colação de grau;
- Cliente - contato dos integrantes da comissão de formatura;
- Suporte - analógico ou digital - filme, CD, DVD (neste caso para a construção de uma base de dados, já que essa informação já existe codificada no número de chamada, indicando a coleção de mídias ou películas)

Estas informações serviriam como base para filtragem na recuperação de algumas fotografias, já que, embora seja difícil saber o nome de cada pessoa que apareça na foto, ao menos a ocasião em que foi feita, é fácil de identificar. O suporte também é uma informação importante, uma vez que a produtora também vende ampliações, e a qualidade dessas mesmas costuma depender do suporte em que foi registrada. Na verdade, este último item serviria mais como um detalhamento da fotografia do que como um filtro de busca, mas também pode ser usado para esta finalidade.

6.4.5 Padrão MARC e Bases de Dados na Representação Descritiva

Quando se fala em descrição de documentos em base de dados, é imediato, entre os profissionais da informação, lembrar do formato MARC – Machine Readable Cataloging, uma vez que essa plataforma é amplamente usada na área, e cujos princípios são a abrangência de materiais e o intercâmbio de registros com outras bases de dados.

No entanto, ao avaliar os campos disponíveis, para a aplicação aos documentos fotográficos, nota-se que este formato pode responder muito bem às necessidades do acervo histórico, com os campos que segundo Carvalho, “[...] são campos que podemos chamar de “básicos” porque eles podem ser usados para descrever não somente a fotografias, mas a praticamente todos os tipos de materiais” (2003, p. 38)

Para descrições específicas, como as que se encontram nos casos dos acervos publicitários, jornalísticos e social, alguns campos poderiam ser usados; no entanto, esses campos não poderiam ser adaptados, pois são fixos e padronizados. Campos como o 043 (vide Anexo A), possibilitariam especificar um local como por exemplo: “Itaimbezinho” ou “Vale dos vinhedos”, mediante o preestabelecimento de um código de abreviação para cada um deles dentro do vocabulário controlado, já que não possui opção para uso de linguagem livre, que pudesse identificar assim, um local específico. O problema não seria tão grande, se a pressa não fosse inimiga da perfeição, afinal, não é fácil atualizar um vocabulário controlado, e o que dirá, codificar todo e qualquer lugar e região em que uma foto é realizada.

Outros itens não encontrados no padrão MARC são campos como Cliente, Orientação da fotografia, Evento etc. que, quando muito, se poderia informar na área de notas, e no caso do acervo Mutante, por exemplo, Cliente seria uma informação de entrada principal, inviabilizando o registro dessa mesma em Notas.

O formato MARC possui ainda interface gráfica complicada aos indexadores leigos em Biblioteconomia, ocasionando demora na alimentação, tornando a informatização trabalhosa e difícil. Embora ofereça a possibilidade de trocas de informações, nos casos dos acervos consultados, são úteis somente para fotografias publicadas em forma de cartões postais, reproduções ou mesmo livros de fotografias, materiais estes encontrados apenas nos acervos históricos e bibliotecas. Nos acervos publicitários e sociais, o conteúdo é de cunho patrimonial de apenas um único acervo, cujas fotografias são nada mais que a produção do estúdio, produtora, ou jornal, não tendo de onde importar em rede as informações como forma de agilizar a atividade do indexador, lembrando ainda, que a demora na catalogação fora identificada como um item negativo.

Desde seu surgimento, na década de 1960 na Library of Congress, para mecanização de impressão de fichas catalográficas, ao longo dos tempos, foi se adaptando e aliando a outros grupos com o mesmo propósito, mas pouco evoluiu, usando ainda o mesmo padrão de marcas e sinais restritos às máquinas da década de 60, não tendo sido acrescentado, por exemplo, um campo que disponibilize a imagem fotográfica como parte da ficha catalográfica, em tamanho reduzido, já que nos acervos consultados, a pesquisa é feita inicialmente por palavra-chave, mas a escolha se dá no interesse advindo da visualização da imagem. O único campo, 856 (vide Anexo A) para o acesso eletrônico se dá ao visualizar a imagem pronta, depois de acessado o *link* disponível na ficha catalográfica, tornando a pesquisa um tanto lenta.

A viabilidade do uso do formato MARC sustenta-se ao longo dos anos não pela sua eficiência ou flexibilidade, mas pela larga utilização, facilitando o intercâmbio de informações. Karen Coyle (2000) afirma: “If your content is not based on standards and if your coding of the content is irregular, no record format can save you. Content is everything in this business, and we have it.” Devemos então nos perguntar: o que é mais importante para essas coleções, que não possuem um conteúdo regular e sequer fazem uso de intercâmbio de informações? O conteúdo intelectual que elas representam, ou o formato de gravação na base de dados?

Existem inúmeras bases de dados customizáveis que não utilizam o formato MARC, mas que podem responder completamente às necessidades de conteúdo desses acervos. As bases de dados comerciais voltadas para acervos fotográficos como o Telescope usado pelo CDI Zero Hora, o Donato usado pela Fototeca Sioma Breitman conjuntamente com o Museu José Felizardo e o Photo Station usado pelo banco de imagens Next Foto, respondem a todas as necessidades descritivas dos seus usuários sem usar um formato padrão unificado na alimentação dos dados. O único aspecto a desejar nestas bases é a catalogação por lotes, ainda não disponível em nenhuma delas, e até agora, sentida apenas pela coordenadora do Arquivo Fotográfico Hipólito José da Costa, e que poderia muito bem ser aplicada aos acervos jornalísticos, cuja prática de fotos em seqüência é muito comum entre os fotógrafos, e nas coleções históricas onde a doação de coleções de um único assunto, ou fotógrafo é freqüente e a falta de funcionários que atendam a demanda é constante.

6.5 Representação Temática

Considerou-se a representação temática como o tópico mais problemático e o mais importante da organização dos acervos fotográficos. Nos acervos de fotografia social, o assunto já está identificado no âmbito da representação descritiva, visto que se resume basicamente a um evento (no caso do acervo pesquisado, normalmente uma formatura), sendo assim, totalmente inviável a descrição de cada convidado ou formando que aparece na fotografia. Mesmo porquê, não se faz necessário um maior detalhamento dos elementos da imagem: primeiro pela impossibilidade de o fotógrafo identificar todos os nomes dos convidados da festa, e segundo, porque essas informações não são usadas na busca pelas imagens.

A busca é feita basicamente pelo nome do evento, ou do contratante, e finalmente, todas as imagens são apreciadas para a escolha e compra. O máximo que se poderia fazer seria um detalhamento dos ambientes das festas, como já fora sugerido no tópico de representação descritiva (6.4.4). Excluindo-se este tipo de acervo, todos os outros acervos, caracterizam-se imprescindivelmente, pelo conteúdo da imagem.

O sistema exaustivo, ou seja, a indexação através da linguagem natural de todos os descritores possíveis e imagináveis, assim como seus sinônimos correspondentes à imagem da fotografia são usados na Fototeca Sioma Breitman e no CDI Zero Hora. Este último com controle de termos em relação a número e gênero.

A Next Foto e o Museu Hipólito José da Costa usam vocabulários controlados do tipo cabeçalhos de assunto, ou seja, vocabulário pré-coordenado de ampla abrangência terminológica com estabelecimento de relações hierárquicas. Esses vocabulários controlados foram construídos por uma consultoria no ramo da Biblioteconomia e por estagiários do curso de Biblioteconomia, respectivamente, e atualizados pelos funcionários do acervo, sem qualquer tipo de assessoria.

Já o CP Memória, usa um catálogo decisório para controle de sinônimos, com remissivas do tipo *ver*. Entretanto, inexistem um desdobramento de assuntos com remissivas *ver também*, que levariam às variações dos assuntos. Os outros acervos (Difoccus Produções e Estúdio Mutante) não usam nenhum sistema de indexação de assuntos.

A dificuldade de identificar um assunto nos acervos onde um vocabulário controlado não é usado é constante. Muitas vezes a busca tem que ser repetida diversas vezes, pois nem sempre o chamado indexador é qualificado o bastante para uma correta identificação do assunto da fotografia, e tampouco os termos que possui em sua memória são sempre adequados ou suficientes.

Na maioria dos acervos pesquisados, além das palavras-chave, existe ainda um resumo indicativo, ao qual chamam de legenda ou comentários. As bases do CP Memória e do CDI Zero Hora também recuperam palavras contidas nesse resumo, o que ajuda bastante, mas não resolve o problema.

Os acervos que utilizam vocabulários controlados, também não estão livres das dificuldades. O caso da Next Foto é um exemplo, pois seu acervo abrange os mais diversos assuntos de fotografias, e o vocabulário controlado, que foi iniciado por uma equipe de consultoria em sistemas de informação, agora é atualizado pelos próprios funcionários da empresa, cujo conhecimento nesta área é limitado, ocorrendo sérios equívocos de identificação na representação temática. Dentre alguns exemplos, vale citar o de um

funcionário que denominou uma foto de um baleiro repleto de doces como “besteirinhas” e o de um outro que, para atualizar um vocabulário controlado, escolheu o descritor “menino de rua”, para crianças de rua (excluindo totalmente as meninas desse termo), tendo como macrodescritor “corpo humano” e “biologia”.

Sabe-se que este é um tópico muito problemático e porque não dizer difícil, até mesmo para os profissionais da informação. Os tesouros, embora detalhados, são vocabulários controlados específicos de algumas áreas. Dificilmente um tesouro para indexação de fotografias, será tão abrangente a ponto de suprir as necessidades de acervos com uma extensa gama interdisciplinar, como no caso das coleções jornalísticas e publicitárias. No entanto, todos os exemplos citados pelos funcionários dos acervos como “equívocos”, foram encontrados no *Thesaurus for Graphic Materials I*, da Library of Congress, indicado para indexação de imagens. Assim como no Vocabulário controlado da USP.

Por outro lado, se a próxima dúvida for acerca de uma festa típica folclórica gaúcha, por exemplo, esses tesouros muito provavelmente não responderiam a esta necessidade. E o acervo da Next Foto e do CDI Zero Hora possuem certamente este tipo de fotografia. Na eventual dificuldade de indexar alguma fotografia em que a imagem trate de um termo específico não encontrado nesses tesouros, como as fotografias históricas de Porto Alegre, se poderia pensar em usar um tesouro específico para esta área, ou mesmo elaborar algum no caso de inexistência.

A sugestão aqui é de que se façam uso de diretrizes de pesquisas sólidas para a atualização de seus vocabulários controlados, procurando em outras bases, disponíveis inclusive na internet, como os vocabulários controlados já citados, que abrangem as áreas gerais do conhecimento, entre outros existentes nas diversas áreas específicas, exemplos que solidifiquem a decisão pelo uso do termo apropriado, para a construção de seu próprio vocabulário controlado seja ele tesouro, ou cabeçalho de assunto, assim como o uso de equipamento que possibilite a busca pós-coordenada, agilizando a atividade do indexador ou do cliente na hora da recuperação.

Levando essas questões mais adiante, percebemos o quão difícil torna-se uma indexação que responda satisfatoriamente à busca por uma determinada imagem. Como foi possível observar, a utilização do vocabulário exaustivo torna-se totalmente limitado em função de que ele depende dos termos existentes na memória do indexador. “A memória – o interdiscurso – apresenta-se como um espaço, de deslocamentos e de retomadas, lugar de conflitos e de regularização na rede de sentidos.[...] A memória aqui é o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre o qual não temos controle” (LUCAS, 2003, p. 15). No entanto, ao

usar, criar, ou atualizar um vocabulário controlado, também somos passíveis de ser vítimas da memória dos indexadores que o fazem e acabam usando os conceitos que têm prontos em sua mente, muitas vezes anulando completamente a riqueza temática de um documento e prejudicando, ou mesmo impedindo, a sua recuperação pela inadequação dos descritores utilizados, bem como a ausência de uma rede de remissivas necessárias

A atividade de indexação de documentos textuais onde se usa a técnica estratégica de leitura documentária, para a extração dos termos relativos ao documento, que já sugere o assunto, mediante a observação de títulos, resumos, sumários, introduções, ilustrações diversas como tabelas e diagramas, e ainda as referências bibliográficas, já são conhecidamente problemáticas, havendo inclusive estudos de caso sobre o assunto, como o de Fujita (1999). Neste estudo foi analisado o resultado final da indexação, conforme a observação de um mesmo documento usado por diversos indexadores e diferentes itens estratégicos de indexação, constatado que o resultado foi praticamente o mesmo, ao analisar todas ou apenas algumas partes do documento.

Mais problemático ainda são os elementos imagéticos, sem qualquer informação escrita e capazes de despertar os termos mais adormecidos, tal como o indexador que definiu a imagem de um baleiro como “besteirinhas”, remetendo muito provavelmente à educação materna ao advertir um filho sobre o valor nutricional de balas ou doces. Este fato comprova, também, a interveniência de fatores subjetivos impossíveis de erradicar, já que o simples observar de uma fotografia nem sempre fornece nomes, lugares e tampouco o propósito pelo qual ela foi feita.

Esta questão não se limita à visão do indexador, mas também à do pesquisador que procura a foto de um baleiro como besteirinhas. Também ao usuário que pode vir a buscar a foto de um “menino de rua” e, ao usar o termo incorreto, na falta de remissivas, venha a procurar por “corpo humano” dentro da sua generalidade. Este último caso justifica a vantagem do uso de um tesouro dentre os diversos tipos de vocabulários controlados, já que este relaciona com clareza as hierarquias, equivalências e associações, permitindo uma análise mais ampla do assunto, ao contrário de simples listas de cabeçalhos, que apenas indexam conceitos e acabam por induzir a erros ou distorções na análise temática de um documento.

No entanto, o sistema de indexação envolve ainda, elementos como nomes próprios, localização geográfica, organizações, entre outros, que embora possam ser elementos descritivos, também são categorias que podem e devem ser levados em conta na indexação, principalmente de acervos históricos, jornalísticos e publicitários. Para isso, é importante que seja qual for a forma de controle dos termos, estes devem ser constantemente

verificados a fim de detectar eventuais falhas ou necessidades de inclusão de novos descritores ou remissivas.

Como foi relatado e apresentado na análise dos acervos, dos cinco que possuem bases de dados automatizadas (ver Quadro de Comparação dos Acervos Fotográficos), todos fazem uso de palavras-chave. Os únicos acervos que não usam palavras-chave são justamente aqueles que não possuem bases de dados. Percebe-se então, na análise mais aprofundada, que desses cinco que trabalham com palavras-chave, dois têm dificuldades para usar o termo correto, pela falta de uma padronização e um para atualizar o vocabulário controlado, como veremos mais adiante no tópico 6.6. Os outros dois não citaram problemas, mas confessam que existe dificuldades na busca por determinados termos.

É fundamental no processo de representação temática que se tenha uma correta atribuição de descritores adequados baseada em critérios previamente estabelecidos, bem como uma extensa rede de remissivas para suas variantes, de forma que os conceitos se solidifiquem tanto na indexação como nas buscas dos usuários.

Este processo baseia-se em dois elementos básicos: um é a definição e escolha dos descritores num processo que precisa ser apoiado na construção de mapas conceituais, ou árvores de domínio, como acontece na elaboração de tesouros, a fim de que a rede conceitual fique estabelecida da maneira mais correta e completa possível. E nesta definição dos termos já ficar estabelecida, também, a rede de remissivas *ver* e *ver também*. Ou, para o uso de cabeçalhos de assuntos, é preciso ter um glossário de todos os termos, evitando assim, qualquer interpretação equivocada dentro da hierarquia do assunto estabelecido acerca de uma imagem. O outro elemento é o uso dessas ferramentas e a atribuição desses descritores aos itens específicos e que implica em uma correta análise do conteúdo do item.

6.6 Lacunas (Problemas detectados)

As lacunas são aqui consideradas como as necessidades não supridas identificadas pelo próprio responsável e usuário do acervo. Essas lacunas demandam mudança e que, se efetivadas, seriam de grande valia, tanto para a integridade do acervo, como para o seu funcionamento eficaz, produzindo uma resposta positiva por parte dos funcionários.

A não informatização dos acervos foi o problema mais citado, assim como a problemática com a descrição dos itens e a análise temática, como veremos adiante.

A falta de controle de pedidos de clientes, também foi citada, e requer uma base de dados para esse controle, assim como para o processamento técnico das imagens disponíveis apenas em papel, cujo manuseio freqüente, contribui para a sua deterioração.

Para os acervos que fazem uso de base de dados, o maior problema salientado foi o da demora no processamento das fotos, visto que elas são tratadas uma a uma, obrigando o catalogador a fazer uma pré-seleção das fotografias para descartar as demais, fato que causa muita dúvida na seleção da foto escolhida para compor o acervo da base de dados. Essa atividade requer a presença de um bom editor de fotografias para a seleção das imagens que irão compor o acervo. Mesmo assim, não resolve o fato de que existe a possibilidade de uma futura necessidade de utilização da imagem descartada. Um bom exemplo disso foi citado no CDI Zero Hora. Havia no acervo muitas fotos do ex-presidente Bill Clinton, mas eram apenas fotos do presidente dos EUA e, em princípio, não seria necessário ter muitas delas, até que, estourando o escândalo sexual com a estagiária Mônica Lewinski, logo o trabalho dos funcionários foi encontrar uma foto em que a mesma aparecesse próximo ao presidente. Como na época, as fotos eram feitas em filmes fotográficos, que eram catalogados por lotes, sem uma necessidade de descarte, foi muito fácil de encontrar.

Hoje em dia, essas fotos consideradas repetidas, muito provavelmente teriam sido descartadas, permanecendo somente as fotos em que o presidente teria sido melhor fotografado, sem muita gente por perto, uma foto menos “poluída”. Isso porque as fotos digitais são catalogadas uma a uma e, por economia de trabalho, essa medida de descarte é tomada. No caso do CDI Zero Hora e CP Memória, essas fotos são gravadas em CD's e DVD's sem uma organização muito formal, e tornam-se por isso pouco amigáveis para pesquisa.

Nenhuma dessas bases de dados analisadas faz catalogações por lotes de fotografias do mesmo assunto, ou do mesmo evento, por exemplo, e essa é uma boa sugestão para economia de tempo. Neste procedimento se acrescentariam campos repetitivos para número de fotogramas e um sistema chamado na Next Foto como “mesa de luz” em que todas as fotos do mesmo lote aparecessem tal qual uma prova de negativos em tamanho reduzido na mesma página de tela. Na Next Foto esse sistema é usado quando a seleção é feita pelos funcionários do acervo e enviadas para o cliente para escolha.

O problema da falta de pessoal qualificado para alimentar a base de dados e atualizar o vocabulário controlado foi não só constatado, como citado pelos indexadores de um banco de imagens. Na verdade, a solução inicial seria a construção de um vocabulário controlado e da qualificação dos funcionários para determinar os descritores adequados para

os itens e, finalmente, testar se esses descritores que constam no vocabulário controlado são aqueles pelos quais os itens são buscados.

Foi citado em dois acervos, também, o fato de as bases de dados automatizadas terem sido construídas sem o trabalho propriamente dito de um profissional da informação, e mesmo da participação dos próprios usuários do acervo. A participação dos profissionais responsáveis pelo acervo e a preocupação em aliar profissionais de análise de sistemas, juntamente aos profissionais da informação, é fundamental para a construção de bases de dados eficientes que operem conjuntamente aos controles de vocabulário e, neste caso, os usuários seriam consultados para a identificação dos termos utilizados para então determinar o termo preferido.

Para a atualização dos vocabulários controlados, como já foi dito anteriormente, há que se fazer pesquisas aprofundadas para decisão dos termos, aplicação e adaptação à esse tipo de acervo, e mantê-lo sempre atualizado, não esquecendo nunca de observar a forma pela qual o usuário/cliente usa esses termos para a busca.

Existem ainda problemas com a falta de padronização de fichas manuais, que mudam a cada troca de administração. Como as trocas de administração são freqüentes em instituições públicas, esses problemas nunca serão resolvidos se não forem debatidos com os próprios funcionários da instituição. Na impossibilidade de uma padronização dos sistemas, sugere-se que se crie algum estatuto da instituição que preze e dê sustento aos manuais de procedimento operacional padrão, que naturalmente, deve também se basear na política de indexação da instituição, que deverá tratar da legibilidade dos sistemas de informação e que as novas implantações não desobedeçam a esse estatuto.

7 CONCLUSÃO

Abrindo um campo de interpretações, este trabalho ao mesmo tempo que buscou ampliar os conhecimentos relacionados aos acervos fotográficos, comprovou que a fotografia ainda não é tratada nem mesmo explorada como poderia ser.

As diferenças entre os acervos conforme seu propósito é inegável e ficou clara a necessidade de um tratamento específico direcionado às suas peculiaridades e mesmo às atividades dos fotógrafos e usuários dos acervos.

O processo de armazenamento de uma imagem fotográfica deve ser levada em conta como uma atividade em proveito do usuário e não como acúmulo de informações irrelevantes como se observou em alguns acervos. No entanto, para isso é fundamental a participação conjunta de pessoas que trabalham no acervo com os profissionais da área de informação em todas as etapas da construção de um catálogo ou base de dados, ao contrário do que ocorre em alguns lugares visitados, onde bases são construídas apenas pela tomada de decisão de analistas de sistemas, ou somente pelos fotógrafos, ou somente pelo usuário, sem saber como maximizar a utilidade que o acervo pode oferecer, criando assim, sistemas deficitários sem flexibilidade tanto na entrada de dados, como na recuperação dos mesmos, e ainda desperdiçando informações.

A construção de um sistema de organização de acervos de fotografias deve ser um trabalho conjunto, no qual não existe um super gênio que estabeleça todas as diretrizes para um sistema eficientemente capaz de suprir todas as necessidades de resposta para o catalogador/indexador, usuário, cliente e fotógrafo.

É preciso, para eternizar o momento da imagem fotografada, um tratamento que cristalize a sua razão de existir, ilustrando cada vez mais a nossa percepção desses momentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Presidência da República**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 23 abr. 2006.

BROWN, Stephanie Willen. Indexing photographs. **Union-News and Sunday Republican**, Springfield, 1° set., 1998. Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/slanews/archiving/VE98/presentation.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2005.

CARVALHO, Alexandra Figueiró. **Avaliação do uso do formato MARC em bases de dados de fotografias disponíveis na internet**. 2003. 71 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

COYLE, Karen. Is MARC Dead? **Karen Coyle's Home Page**. 2000. Disponível em: <<http://www.kcoyle.net/marcdead.html>>. Acesso em: 12 maio 2006.

FILIPPI, P.; LIMA, S. F.; CARVALHO, V. C. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Projeto Como Fazer, 4).

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspectivas em Ciências da informação**, Belo Horizonte, v. 4, n.1, p. 101-16, jan./jun. 1999.

KOSSOI, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP, 1993. (Texto & Arte, 9).

LOPES, Ilza Leite. Diretrizes para uma política de indexação de fotografias. In: SIMEÃO, Antonio Miranda; SIMEÃO, Elmira (Org.). **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2006. p. 199-213.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. Discurso acadêmico disponível em Ciências Humanas: o funcionamento discursivo da indexação em uma base de dados bibliográfica computadorizada. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 12-21, jul./dez. 2003

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1999.

NEIVA JR., Eduardo. **A imagem**. São Paulo: Ática, 1986.

NETTO, C. X. de A.; FREIRE, B.M.J.; PEREIRA; P. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire: proposta e percursos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 3, p. 17-25, set./dez. 2004.

TURNER, James M. **Indexing pictures**: some considerations. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/turner/english/texts/cbhl97.htm>> Acesso em: 27 ago. 2005.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2002.

SÁNCHEZ, Juan Miguel Vigil. La fotografia como documento en el siglo XXI. **Documentación de las Ciencias de la Información**, n. 24, p. 255-267, 2001.

GLOSSÁRIO

Banco de imagens – Agências de representação de fotógrafos que tem como missão divulgar e comercializar os direitos de utilização das imagens para os mercados jornalístico, publicitário e editorial.

Chapa – *ver* **Fotograma**

Chapa de vidro – Placa de vidro úmida por colódio ou seca por gelatina revestidas por sais de prata e sensíveis à luz, produzindo imagens monocromáticas negativas possibilitando cópias fotográficas positivas.

Close up – Fotografia bem aproximada do assunto com ângulo de visão fechado.

Contato – Fotografia obtida por contato direto produzindo imagem do mesmo tamanho que o formato do negativo, sem o uso de ampliadores.

Cromia – Tipo de coloração de uma fotografia: Monocromáticas (preto e branco) e coloridas.

Daguerreotipia – Primeiro método fotográfico oficialmente reconhecido, inventado pelo parisiense Louis Daguerre. Consistido em uma chapa de cobre revestido por superfície de prata e cristais de iodo sensíveis à luz produzindo uma única imagem positiva.

Diapositivo – Filme flexível de cromo que produz imagem positiva, também conhecido por *slide*

Filme fotográfico – Suporte feito de nitrato ou diacetato ou triacetato ou poliéster sensível à luz, produzindo imagens negativas ou positivas.

Formato – Metragem do filme fotográfico. São feitos para câmeras de pequeno formato: 16mm e 35mm; médio formato: 120mm e 220mm; e grande formato: 4"x5", 8"x10" e 11"x24".

Formato eletrônico – Tipo de compressão de arquivo usado para a fotografia digital, JPG máxima compressão, TIFF baixa compressão, PSD imagem para manipulação em Photoshop, RAW imagem crua direta da câmera sem compressão ou manipulação.

Fotografia analógica – Imagens captadas por câmaras escuras em suportes como filmes, chapas diversas, polaróides etc.

Fotografia digital – Imagem captada por sensor digital dispensando o processo de revelação de imagens

Fotograma – Parte do rolo de filme que identifica a pose da fotografia. Os fotógrafos mais antigos costumam chamar popularmente o fotograma de “chapa” em alusão às antigas chapas de vidro, que registravam uma única imagem.

Iluminação contínua – Iluminação artificial por *spots* permanentemente ligados.

Invasão – Costume popular entre formandos, de invadir as salas de aula dos professores para anunciar a escolha de paraninfos e homenageados.

Laboratorista – Profissional que faz a revelação e ampliação dos filmes fotográficos.

Locação – Local escolhido como cenário para uma seção fotográfica.

Macrofotografia – Fotografia feita com lentes específicas para o aumento de detalhes muito pequenos

Negativo – Imagem com iluminação invertida considerada como matriz para cópias ampliadas e positivas. O negativo pode ser de película ou de chapa de vidro.

Película – *ver* **Filme fotográfico**

Slide – *ver* **Diapositivo**

Tocha – Lâmpada de alta potência de iluminação, normalmente usada em estúdio, que dispara *flashes* de luz branca, e com ajuda de rebatedores, sombrinhas ou *hazies* ilumina o motivo a ser fotografado.

ANEXO A

CAMPOS DO FORMATO MARC 21 APLICÁVEIS À DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS

- 007 – Descrição física
- 008 – Informações gerais
- 040 – Fonte de catalogação
- 045 – Código de período cronológico
- 046 – Código do tipo de data
- 100 – Entrada principal (Autor pessoal)
- 245 – Título
- 300 – Descrição física
- 500 – Notas gerais
- 520 – Nota de resumo
- 650 – Assunto tópico
- 852 – Localização
- 856 – Acesso eletrônico
- 033 – Data e local de um evento
- 043 – Código de área geográfica
- 044 – Código de país da empresa de publicação
- 045 – Código do período cronológico do conteúdo
- 072 – Código de categoria de assunto
- 09X – Número de chamada local
- 111 – Entrada principal (nome de evento)
- 130 – Entrada principal (título uniforme)
- 362 – Data de publicação
- 411 – Informação de série – Nome do evento
- 440 – Informação de série – Título
- 505 – Nota de conteúdo
- 506 – Nota de acesso restrito
- 508 – Nota de crédito de criação/produção
- 516 – Nota de tipo de arquivo ou dado de computador
- 518 – Nota de data hora e lugar de um evento
- 520 – Nota de resumo
- 521 – Nota de público alvo
- 533 – Nota de reprodução

- 534 – Nota de versão original
- 535 – Nota de localização dos originais/duplicatas (negativos)
- 540 – Nota de termos governando uso e publicação
- 544 – Nota de localização de materiais de associados
- 561 – Nota de procedência
- 562 – Nota de identificação de cópia
- 585 – Nota de exposição
- 586 – Nota de premiação
- 600 – Assunto - nome pessoal
- 611 – Assunto - nome de evento
- 650 – Assunto tópico
- 651 – Assunto - nome geográfico
- 653 – Assunto - termo de índice
- 654 – Assunto - termos tópicos facetados
- 655 – Termo de índice – gênero, forma
- 760 – Entrada de série

APÉNDICE A

ROTEIRO PARA COLETA DE DADOS SOBRE O ACERVO

Nome do acervo: _____ Tipo de acervo: _____

Propósito do acervo

Pauta:

a) N° de registro:

b) Características e organização física do acervo:

c) Representação descritiva:

d) Representação temática

e) Lacunas

TIPO DE ACERVO	HISTÓRICO				JORNALÍSTICO	PUBLICITÁRIO		SOCIAL
	Acervo	1	2	3		4	5	6
P A U T A D O R O T E I R		Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim
	b)	-Catálogo de fichas manual -Base de dados (Donato 2.3) -Acervo físico. -Acervo virtual em CD's -Visualização da foto na base de dados	-Ficha de entrada da fotografia -Catálogo de Fichas - Base de dados (Access) -Acervo físico. -Acervo virtual em CD's. -Visualização da foto na base de dados e nas fichas manuais (por contato)	-Base de dados -Acervo Físico -Acervo virtual em servidor, -CD's e DVD's -Organização por assuntos (em ordem alfabética) -Visualização da foto na base de dados e nas pastas (por contatos)	-Base de dados para acervo analógico -Base de dados para acervo digital (Telescope) -Acervo físico. -Acervo virtual em servidor e CD's -Visualização da foto na base de dados	-Organização por cliente (uma gaveta para cada tipo de cliente) -Acervo físico	-Base de dados (Photo Station) -Catálogo <i>online</i> -Acervo físico. -Acervo virtual em servidor -Visualização da foto na base de dados	-Listagens -Ordenação alfanumérica -Acervo físico -Acervo virtual em CD's
	c)	-Nº de registro (na fotografia e negativos) -Coleção -Autor -Título -Inscrições na fotografia -Período -Local (da fotografia) -Material -Dimensões -Moldura -Procedência -Data de aquisição -Doador - Valor de Compra -Ex-proprietários -Exposições -Notas -Notas de restauração -Catalogador	-Nº de registro (na fotografia e negativos) -Coleção -Data -Local -Autor -Título -Dimensões -Cromia -Informações sobre o negativo -Modo de aquisição -Catalogação -Indexação -Revisão -Publicação -Notas em geral (responsabilidade, suporte, título, restauração, etc.)	-Nº de registro (no negativo e fotogramas) -Data da Reportagem -Arquivista -Evento (pauta) -Data de publicação -Autor -Repórter -Título -Local -Fonte (quando a foto não é do jornal)	-Autor -Repórter -nº de chapas -Editoria (policia, tempo, esportes, etc.) -Localização (fotos e negativos) -Evento -Data (do evento) -Nº de registro -Formato eletrônico (jpg, tiff, etc.) -Tamanho do arquivo -Resolução -Data de publicação -Fonte (quando a foto não é do jornal) -Indexador -Data de entrada -Tipo de documento (capa de CD, de livro, etc.) -Caderno (Vida, Donna, Vestibular)	-Agência (contratante do estúdio) -Cliente (contratante da agência) -Formato (metragem do diapositivo) -Título -Data (mês e ano)	-Legenda (título) -Nº de registro (da fotografia) -Tamanho do arquivo -Resolução -Cromia -Orientação (vert. horz.) -Autor -Fonte (negativo, positivo) -Vista (de cima de baixo) -Iluminação -Locação -Detalhe -Autor da legenda	-Nº de registro (no negativo e fotogramas) -Título (Curso e universidade) -Autor

	d)	-Palavras chave -Resumo indicativo.	-Palavras chave -Vocabulário controlado -Resumo indicativo	-Palavras chave - <i>Catálogo decisório para sinônimos</i> -Resumo indicativo.	-Palavras chave -Indexação exaustiva -Controle de número e gênero -Resumo indicativo.	Não	-Palavras chave -Vocabulário controlado	Não
	e)	-Fichas manuais sem qualquer padronização -Dificuldade de interpretação das informações -Acervo não informatizado	-Demora na catalogação do acervo. -Acervo não informatizado	-Base de dados construída sem participação dos profissionais -Base de dados com estrutura burocrática -Ausência de desdobramento de assunto com remissivas <i>ver também</i> no catálogo decisório	-Acervo analógico não digitalizado -Linguagem de indexação sem controle de sinônimos	Falta de controle nas entradas e saídas do material do estúdio para as agências	-Dificuldades de alimentação do vocabulário controlado -Demora na indexação das fotos	- Falta de controle de qualidade nos pedidos de clientes, origem dos negativos e prazos de entrega.

QUADRO – Comparação dos Acervos Fotográficos